

BRANCATO, NICOLÒ GIUSEPPE (2022).

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-9_27

Archeologia e Fotografia, Imago, Immaginazione: la conservazione della memoria culturale attraverso l'immagine, la descrizione, l'epigrafe.

Roma: Edizioni ARTECOM-onlus, 80 p.

ISBN 9788896520178

Assim que as técnicas fotográficas se desenvolveram, os arqueólogos – não prescindindo, muito embora, de rigoroso desenho, à escala, das estruturas postas a descoberto e dos objetos exumados – lançaram mão desse meio para fixarem tudo o que lhes poderia servir para melhor interpretação do que estava a ser descoberto.

Se as técnicas do Desenho Arqueológico se ensinaram, também a fotografia tem os seus preceitos, independentemente de o arqueólogo, qual poeta, poder deixar-se levar pelo génio que dos vestígios arqueológicos se desprendia.

Recorde-se que esteve patente no Centro Cultural de Cascais, de 12 de novembro de 2011 a 12 de janeiro de 2012, a exposição fotográfica “Blick Mira Olha!” – O arquivo fotográfico do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid, em que também se aproveitou para mostrar uma seleção de fotografias de extraordinário valor histórico e documental, de alemães e outros visitantes estrangeiros, designadamente espanhóis, que se deslocaram a Cascais em meados do século XX para verem *in loco* as descobertas e os extraordinários materiais aqui exumados.

Mais tarde, e na mesma linha de atuação, seria publicado *Las aceitunas de Doña María* (Pórtico Librerías, S. L. Zaragoza, 2011), curioso título de

uma obra que não é, como poderia pensar-se, um tratado de olivicultura, mas, ao invés, o livro de recordações das viagens que Peter Witte fez, durante muitos anos, a partir de 1965, na sua qualidade de fotógrafo do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid. O subtítulo é, por isso, assaz significativo: “35 anos de viagens pela Arqueologia Ibérica”. Através da lente da sua objetiva, Peter Witte habituou-se a ver melhor também com os seus olhos. Os vestígios arqueológicos, sim; mas, de modo especial, tudo o que esses vestígios arqueológicos significavam para as gentes, outrora e no momento atual.

Nessa direção vai este breve ensaio de Nicolò Giuseppe Brancato, porque a imagem – fotográfica, desenhada ou descrita – tem sempre consigo a ‘imaginação’, palavra cujo sentido profundo mostra bem a carga simbólica que tem. Percorremos Pompeios e o que vemos, assim miraculosamente conservado, transporta-nos facilmente para os faustosos tempos de uma cidade bem viva. E a imagem de Pompeios contrapõe-se à evocação que Brancato não hesita a fazer de Palmira repetidamente destruída pelo ISIS: essas destruições, escreve, “envolveram, de facto, não apenas os monumentos arquitectónicos, mas também os achados presentes no Museu Arqueológico local, ou seja, a documentação visual e iconográfica aí conservada” (p. 31). “O que se perdeu”, acentua, “consiste, acima de tudo, numa produção plástica que nos mostrava [...] elementos do quotidiano palmirense, como a indumentária e as suas variantes, consoante as funções revestidas pelas personagens representadas”. Aliás, Brancato demora-se, a esse propósito, a mostrar como, vendo essas imagens, não pode argumentar-se, com base numa tradição não documentada, a favor da obrigatoriedade do uso do véu. Evidencia-se a importância da imagem, não se esquecendo o autor de prestar sentida homenagem ao Prof. Kaled Assa’d “que sacrificou a vida para salvar o que podia”, reproduzindo a sua fotografia a mostrar os baixos-relevos de um sarcófago, representando dois sacerdotes e uma mulher com o toucado típico das mulheres nobres palmirenses (p. 32-33). Kaled Assa’d foi decapitado pelo ISIS a 18 de agosto de 2015.

Depois de, na primeira parte da obra, se ter debruçado sobre “a reprodução visual”, aborda, na segunda, a reprodução escrita: “escrita e imagem”,

“descrições literárias ‘visionárias’”, “a historiografia”, “as criações literárias enquanto *images*”, “a documentação epigráfica como fotografia da realidade”. Termina o volume com o rol das abreviaturas e a bibliografia.

E se, por vezes, se diz que um autor, ao descrever um lugar, dele apresentou ‘uma fotografia’, no sentido de se mostrar que também a escrita desperta ‘imagens’, realce-se o que Nicolò Brancato observa, a propósito das descrições feitas por Homero ou as de Virgílio e Dante às profundezas do Hades: “Não pode usar-se o morfema “imaginário”, como se afiguraria óbvio: a raiz desta palavra aponta sempre para uma *imago* e não para o inexistente; o termo mais adequado a usar nestes casos é “visionário”” (p. 55-56).

Quanto ao valor da historiografia antiga (Tácito, Suetónio...), a análise está a ser cada vez mais fina. “Na guerra como no amor, sabe-se bem”, escreve o autor, “tudo é permitido!” e, por isso, há realidades que nos foram pintadas com umas cores fictícias, “como aconteceu com os malefícios de Nero e de todos aqueles imperadores cuja política não coincidia com os interesses senatoriais” (p. 57). E, na verdade, é quem vence que, normalmente, gosta de escrever a história do que se passou...

As obras literárias constituem também uma boa fonte de informação histórica, porque – inclusive nas peças teatrais – “temos, amiúde, testemunhos de comportamentos existentes concretamente” na época em que foram escritas. Também as criações literárias são, pois, *images*.

Finalmente, como epígrafista, Nicolò Brancato realça o valor documental das epígrafes, designadamente as da época romana. E se, como escreveu Giancarlo Susini, a inscrição patenteia o que o Homem, em determinado momento, selecionou para transmitir aos vindouros e o mandou gravar em suporte teoricamente imperecível, não restam dúvidas de que o monumento epigráfico constitui um documento histórico da maior valia.

Salienta o autor o facto de esses testemunhos abarcarem os mais diversos domínios, pois, além das inscrições funerárias, votivas, monumentais, honoríficas, há os grafitos e, por exemplo, em Pompeios, deparamo-nos com “propaganda eleitoral, declarações de amor e escapadelas eróticas”! (p. 64).

Aproveita Brancato para comentar algumas epígrafes que considera significativas e conclui:

«Por conseguinte, quando uma epígrafe for objecto de estudo por parte de historiadores, arqueólogos e epigrafistas *stricto sensu*, que não se limitem ao minucioso exame de cada uma das letras, sinais, nomes ou características do documento em análise, mas alarguem o seu interesse às problemáticas conexas», nomeadamente através de consultas às bases de dados de que ora é possível dispor, a fim de se estabelecerem as necessárias interligações, o monumento epigráfico ganha relevo e fornece um acervo informativo “consistente e fundamental” (p. 76).

Acrescentar-se-á que as novas técnicas de leitura, com recurso a pormenorizadas fotografias por meio de filtros e à observação dos monumentos em 3 D, vieram proporcionar e facilitar esse inesperado alargamento de horizontes.

Em suma, reveste-se, de facto, da maior oportunidade esta breve reflexão proporcionada por Nicolò Brancato acerca da preservação da memória cultural através da imagem (escrita, fotográfica ou virtual). A imagem, no entanto, constitui um dos meios; preferiríamos que Palmira não tivesse sido destruída; gostávamos que o expediente da “arqueologia de salvaguarda” não fosse sistematicamente aplicado e houvesse maior versatilidade, inclusive tributária, perante iniciativas particulares que visassem a manutenção de estruturas arqueológicas enquadradas em edificações urbanas.

Nessa ótica, Jorge de Alarcão não hesitou em fazer parceria com José Luís Madeira para, a partir da ruína, propor uma imagem do que teria sido o fórum de *Aeminium* (*O Fórum de Aeminium: a busca do desenho original* – 2009), ou as pontes sobre o Mondego de que há mui ténues vestígios (*As Pontes de Coimbra que se Afogaram no Rio* – 2012). Em qualquer destes volumes, vale o texto, sim, mas a imagem condimenta-o eficazmente!

Premiou a Associação dos Arqueólogos Portugueses, neste ano de 2023, o trabalho de Mariana Soares Martins de Carvalho intitulado “*Desenhar a Ruína: registo, interpretação e comunicação. O exemplo da cidade romana de Eborac*”, como “contributo da Architectura para a Arqueologia”. Um contributo que, no caso vertente, privilegia o desenho, mas que se encaminha, *verbi gratia*, para a reconstituição de edifícios em 3 D, de

forma que o público, mesmo o menos atreito a essa temática, possa vir a usufruir da ruína!

Por tal senda vamos. E o livro de Nicolò Brancato mostra como esse usufruto, mui facilitado pela imagem, importa potenciar.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

jde@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

<https://orcid.org/0000-0002-9090-557X>

